

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
5.º ANNO	Braga, 12 mezes. 1\$600
	» 6 » 850
	Correspondencias partic. cada linha 40
	Annuncios cada linha. 20
	Repetição 10

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
	Provincias, 12 mezes. 2\$000
	» 6 » 1\$050
	» sendo duas assignaturas 3\$600
	Brazil, 12 mezes, moeda forte. 3\$600
	Folha avulso 10

N.º 674

BRAGA—SABBADO 11 DE AGOSTO DE 1877

A' Redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 1 de Agosto, 1877.

Eis aqui o artigo da *Gazeta de Pall Mall*, e *Revista da Tarde*, copiado na sua integra em traducção fiel:—

«A ALLOCUÇÃO PAPAL.—Os que realmente se interessam em avaliar as difficuldades que offerece a tentativa de descobrir um *modus vivendi* entre o Papa e o Governo Italiano, farão bem de ler com cuidado a Allocução de 12 de Março. Se não estamos enganados, hão de encontrar-se, ao concluir a, comprehendendo melhor do que alguns delles o avaliavam até então, quão grandes são essas difficuldades, e quanto são fortes as razões que dos dois lados pode apresentar cada uma das partes debaixo do seu ponto de vista.

«O Papa não se contenta com declarações vagas e geraes, de que não é livre em governar a Igreja Catholica Especifica precisamente os pontos em que, segundo elle o considera, a sua liberdade é infringida; e em certo modo prova o seu caso. A Allocução não pretende affirmar que a sua pessoa não seja livre, ou que lhe impeçam de expedir as ordens que lhe pareça para governo da Igreja Universal. O que o Papa sustenta é, que para um Soberano poder chamar-se propriamente livre, os seus Ministros devem poder executar suas ordens, como elle proprio dal-as, e que no concernente á Santa Sé os actos do Governo Italiano tem embaraçado esta liberdade por dois modos.

«A supressão das Ordens Religiosas privou o Papa de uma classe muito importante de representantes e agentes, e a lei proposta contra os abusos do clero põe em risco a liberdade pessoal dos agentes e representantes que restam.

«O facto de que todas as grandes Ordens tinham o seu centro em Roma, e seus ramos em todas as partes do mundo, muito facilitou sem duvida alguma a ordinaria administração dos negocios ecclesiasticos, e a actitude do presente Ministerio Italiano é mais abertamente hostil ás ordens religiosas do que a de qualquer outra das precedentes.

«A intenção do Governo agora é, de impedir, sendo possível, a formação de novas comunidades religiosas, ou a continuação das que existem pela admissão de novos membros. E' isto um proceder inteiramente diverso do ataque original aos bens d'estas comunidades e á validade civil de seus votos.

«E' moralmente certo que o esforço falhará, mas em quanto se persiste nelle, tem o Papa todo o direito a dizer, que se não concede a liberdade de consciencia em sua integridade aos Catholicos de Italia. E' isto uma distincta deviação da politica original do Governo Italiano.

«Essa politica parece haver sido baseada na suposição, tão commum entre os adversarios da Igreja, que assim que os Catholicos deixem de ser obrigados por lei ou costume a praticar a sua religião, logo hão de abandonal-a. Onde a Igreja fór excessivamente corrupta poderá isto acontecer, como teve lugar em França por algum tempo quando foi da Revolução. Mas onde haja tanto zelo e actividade religiosa como se encontra actualmente, excepto pode ser na Hispanha (nesta excepção devia o Redactor do *Pall Mall* incluir tambem a Liberangada em Portu-

gal e no Brazil), o retirar á pratica da Religião as sancções seculares com que até aqui tem sido dotada, não faz mais que activar a influencia da sancção puramente religiosa.

«Os frades e freiras de Italia foram postos na rua, dizendo-se-lhes que eram livres de voltar ao seculo. Porém a auctoridade que isto lhes disse é aquella a que elles e ellas consideram não ter obrigação de obedecer em materias de consciencia; e como o Papa os não absolveu de seus votos, a maioria destas pessoas se reunem do melhor modo que podem, e tratam de reproduzir o mais aproximadamente possível sua antiga maneira de vida.

«Os essenciaes de uma regra monastica, o alimento grosseiro, o pouco sono, o silencio constante são independentes de condições externas, e ainda que as ordens religiosas foram supprimidas e seus bens confiscados, vão-se formando por toda a parte comunidades que sustentam sua descendencia espiritual directa das comunidades que o Governo expulsou. E' isto que os Ministros Italianos tratam de desencorajar; e o Papa tem razão de sustentar que, bem que elle seja pessoalmente livre, o não é nas pessoas a quem manda que observem os seus votos.

«Mas isto é verdade ainda em relação á lei proposta contra os abusos clericos. A liberdade do Papa como Supremo Chefe da Igreja Catholica significa a liberdade de dirigir o clero Catholico, em todas as partes do mundo, sobre como elle se deve portar em guiar as almas dos fieis. Mas na Italia, por effeito desta lei, ficará prohibido ao clero fazer seja o que fór, ou na prédica ou na administração dos sacramentos, que tenda a perturbar a consciencia publica ou a paz das familias. E' claro que estas palavras excessivamente comprehensivas facilmente se poderão entender a todo o campo da disciplina espiritual. Perturbar a consciencia publica é phrase sufficientemente elastica, mas perturbar a paz das familias faz ainda muito mais conta.

«Desde o dia em que o Fundador do Christianismo declarou que não vinha trazer ao mundo a paz mas uma espada, o Christianismo—como qualquer outro credo, religião ou irreligioso, que os homens tomam muito ao serio,—foi uma fonte fertil de discordia nas familias.

«Segundo a nova lei, se um pai prohibiu a suas filhas de ir á missa, e o confessor lhes disser que tem obrigação de ir apesar da prohibição do pai, o padre seria provavelmente acusado de haver perturbado a paz na casa. Qualquer coisa que cheire a censura dos actos das autoridades civis—censura, por exemplo, como o clero Inglez (Protestante e Catholico) tem pronunciado innumeraveis vezes sobre os Actos do Divorcio, e da Educação—tornaria um padre culpado de perturbar a consciencia publica.

«Assim o Papa, como diz a Allocução, ainda que pessoalmente o possam chamar irresponsavel por motivos de politica será todavia punido em seus cumplices—phrase copiada de um dos Ministros Italianos, que se diz haver declarado no Parlamento quando se discutia esta lei, que não era novidade nem anomalia em legislação penal punir os cumplices quando se não pode chegar ao principal culpado.

«Ver-se-ha por aqui quão longe está na Italia a presente ordem de cousas de realizar a phrase de Cavour, Igreja livre em Estado Livre. Seja qual for a significação que Cavour attribuisse a essas palavras ou a extensão em que elle entendia applical-as, de nenhuma sorte repre-

sentam ellas a tenção e modo de ver do Governo existente. A Esquerda Italiana tem algo de detestação apaixonada pela Igreja e pelo clero, que ainda se torna mais conspiciua na Esquerda Franceza; e os seus directores acham-se ao mesmo tempo embaraçados e aborrecidos pelo phenomeno de uma reacção Catholica que parece ir crescendo na propria Italia.

«Se elles foram sensatos ou não em tratarem de ir tão depressa no caso, hade ver-se pela opinião que se mostre da vitalidade do Catholicismo. Se elle na Italia está realmente moribundo, uma perseguiçãozinha acabará necessariamente com elle. Se for ainda uma potencia de grande força e autoridade no Espirito de milhões de homens e mulheres, a perseguição d'agoamorna, a só que a opinião publica está hoje disposta a consentir, não terá outro effeito que irritar os expostos a ella.

«Não deixamos de avaliar o embaraço a que a hostilidade Papal exporia o Governo Italiano, caso que se deixasse livremente ao clero exercer suas funções espirituas sem licença ou impedimento. Mas isto não altera o facto, de que os actos do novo Gabinete envolvem grande interferencia com a liberdade ecclesiastica tal como na Inglaterra a entendemos. Tratal-os como as simples medidas de tirar á Igreja os bens, como o *Times* faz esta manhã, é desconhecer-lhes o character e o objecto».

A. R. SARAIVA.

(Continúa)

Appreciações acerca da Nacionalidade portugueza.

[Conclusão]

REORGANISAÇÃO.

Uma comissão fiscal por cada um dos districtos do reino para estudar praticamente o estado de todas as coisas, e fazer immediatamente pelas estações competentes pôr em pratica sem perda de tempo, tudo quanto fór preciso.

Para isto se fazer é necessario o seguinte:

1.º Que sejam collocados, quanto antes, em todas as estações das divisões districtaes de administração publica de todos os ramos, os homens peritos com os recursos precisos, postos á sua disposição nos cofres da Fazenda, com o que primeiro devem ser habilitados, afim de se desenvolver a boa exploração e applicação de tudo quanto o paiz o permitir.

N. B. Deve haver um regulamento penal para qualquer abuso de confiança visto ser preciso garantir plena confiança nos corpos gerentes.

2.º Nenhuma auctoridade deve e pôde impôr obstaculos a outra no desenvolvimento de qualquer ramo de serviço a bem nacional.

Ao contrario ficam obrigados a prestar reciprocamente todo o auxilio, que fór das suas attribuições.

Se assim algum não o fizer, ficará considerado como um criminoso de lesa-majestade, ou crime de alta traição á patria; pelo que deverá ser julgado pelos tribunaes de justiça criminal.

3.º Rigoroso castigo e premio a quem o merecer; mas isto que seja applicado conscienciosamente.

Quando não haja a menor duvida se é ou não aquelle a que se deve applicar. Mais vale perdoar algumas faltas, por não se poder evidenciar uma qualquer culpa, do que condemnar innocentes, como constantemente se tem praticado.

Finalmente todos os jogos politicos, que se tem inventado desde que se estabeleceu a civilização até á presente data, são falsos e especulativos, á excepção de uma só politica, que se divide em duas partes:

- Governar bem.
- Governar mal.
- Governar bem correspondente á verdade.
- Governar mal correspondente á mentira.

Nada bom se pôde realizar senão com a verdade, que é sublimada da razão.

A mentira é a destruição de tudo e de todos.

E desgraçadamente é de que todos os portuguezes estão sendo victimas, porque é arma suprema que empregam os nossos miseros e tacanhos estadistas, que se tem tornado repugnantes aos olhos dos homens conscienciosos, virtuosos e de merito, arrastando-os á miseria e prematuramente á morte, com toda a qualidade de vil e infame intriga.

Politica secreta, a unica que se pôde e deve admittir em qualquer nação é aquella que tem por fim guardar o lar da patria.

Explicações e provas.

1.ª PARTE—VIAS DE COMMUNICAÇÃO TERRESTRES.

Tanto as ordinarias como as acceleradas tem custado a importancia de todas que estão feitas em alguns imperios.

As estradas ordinarias acham-se quasi todas intrasitaveis, logo á saída das portas da capital. Não tem o serviço de cauteiros convenientemente organizado. Ellas acabadas logo deterioradas.

As vias ferreas tambem tem sido uma mina de traficancias de toda a ordem para os estranhos e para os de casa. Nunca se realisaram pelas directrizes que deviam seguir.

Todas as plantas para obras publicas, que encerram grande desenvolvimento mechanico, tem vindo primeiramente engenheiros pagos por quantias avultadas, afim de as levantar.

Para as executar têm celebrado contractos escandalosos, até por quasi o tempo de um seculo, com Companhias Estrangeiras. Ao que se chama vender a nação lentamente, e assassinar a geração.

2.º Vias de comunicação maritima.

A navegação mercantil está reduzida ás companhias de paquetes estrangeiros, com quem tem celebrado tratados de commercio, que dão saldos contra Portugal.

Mataram com isto a navegação mercantil portugueza.

3.º A armada real nacional.

Não satisfaz cousa alguma as necessidades d'um paiz, que tem colonias.

Os navios de guerra mandam-os fabricar a Inglaterra, quando lá não os compram velhos por novos.

Mas temos um arsenal de marinha onde se consome tanta despeza, quasi como se construisssem n'elle esquadras iguaes ás d'Inglaterra.

2.ª PARTE—EXERCITO.

Só serve para suffocar a voz dos portuguezes seus irmãos, quando se queixam com razão; porque quando qualquer nação estrangeira nos ultraja, ergue-se a bandeira d'ella n'uma praça de guerra e salva-se-lhe em honra da offensa que se nos fez.

Armamentos mandam-se vir de fóra,

mas temos um arsenal do exercito, com que se despense tambem tanto como se lá fabricassem armadas.

A fóra nada se fazer nos dois arsenaes, tambem se despendem grandes quantias em commissões de recreio com os snrs. officiaes scientificos a titulo de realizar as compras.

Pois o remedio está em fazer cumprir cada um com o seu dever.

O governo obrigue a fazer nos arsenaes aquillo para que elles se construíram.

Expliquem-nos esses scientificos homens, de que servem as suas sciencias senão para sacrificarem a nação portugueza.

FORTIFICAÇÕES.

Todas as antigas tem o seu governador com a reforma já dada e mais gratificações pelos governos de praças, que já algumas estão quasi enterradas pela areia, como se vêem nas margens do Tejo e em toda a costa de Portugal.

Ultimamente começaram a pôr em pratica um plano de defeza da capital por iniciativa do marquez de Sá.

Depois do fallecimento d'este general, já começaram a abandonar a planta das obras, como se vê na torre de lunetas da Serra de Monsanto, onde se tem gasto avultadissimas sommas e empregado muita gente.

Deixando ficar um trabalho já muito dispendioso e adiantado, quasi inutil.

Tambem ultimamente se gastou muito capital com a bateria do Bom Successo, junto á Torre de Belem, que ficou inutil; por que agora para lhe assentarem 2 peças Krupps estão a demolir a principal muralha.

3.^a PARTE—AGRICULTURA.

Ainda não ha muito tempo que publicou o snr. engenheiro Carlos Ribeiro um relatório em que diz: «Que duas terças partes do territorio em Portugal estavam inchadas».

Não admira, quando proximo da capital, no districto de Lisboa, se vêem por toda a parte propriedades urbanas e rusticas desmoronadas, cheias de entulhos, que mostram ainda dos seus vestigios, que foram optimas e lindas quintas; abandonados frondosos arvoredos tanto de fructos como silvestres. O que tudo denota que nem ao menos existe um regulamento municipal que obrigue os donos a reedificar, ou a vender.

4.^a PARTE—TEMOS 2 INSTITUTOS.

Agricola.

Industrial.

Nem um nem outro ainda proluziu o resultado devido.

Não tem um cadastre dos ramos e pessoal que lhes dizem respeito.

Não tem um regulamento apropriado á boa applicação e aproveitamento das sciencias e artes, que alli se aprendem para utilidade da Nação.

Finalmente não tem sabido se não fazer uma politica falsa, o tal circulo vicioso dos nossos governantes.

N'este ultimo periodo, foram, tem sido e sempre são os mesmos tartufos, quer no poder quer em folga, fingindo-se opposição para que saia da sua pleiade a auctoridade.

Estão já muito conhecidos, são sempre as mesmas espertezas quando precisam descansar e fazer-se substituir. O mesmo succede quando se trata das eleições.

Os seus decretos, as suas portarias vem n'estas occasiões recheiadas de uma actividade espantosa para todos os ramos.

Tudo é letra morta, menos Commissões para fazer estudos, plantas, orçamentos, que tem sido feitos por mil vezes, que só produzem abarrotados comilões.

Tudo peneira e ladroeira. Tambem ha uns aprendizes ou noviços, que são seus agentes pregoeiros, fallam muito em Instrucção publica que é o seu cavallo de batalha; nunca passam d'isso.

Está já conhecido ha muito que não tratam senão de entorpecer as faculdades intellectuaes, e inutilisar os talentos com aguarellas encyclopedicas, ou sombras de sabedoria.

Nem ao menos tem sabido fazer traduzir os tratados e regulamentos de instrucção adaptados aos diferentes ramos de vida das Nações, como os tem a optima e perfeita organização franceza.

E este estado pessimo que faz produzir já, até no seio das familias, pelas grandes difficuldades de vida a que se chegou, o odio a estrangulação entre todos os grãos de parentesco, com a mira de qual hade salvar a sua existencia; porque, para a maioria nada ha já real, á excepção dos senhores feudaes, dos monopolistas, dos proprietarios e dos capitalistas.

Pelo trabalho honrado de cada um já não se póde viver.

Não ha collocação tambem para os nossos filhos, e é tambem por isto que a immoralidade cresce prodigiosamente!

Abaixo os traidores! Viva um Governo Nacional.

Lisboa, 9 de agosto de 1877.

(Do nosso correspondente).

Commemora hoje a Igreja um dos mais surprehendedes e miraculosos acontecimentos a fazer provar á evidencia a sua incontestavel origem Divina.

Não me posso furtar a relembrar-o, que muitos ha que o ignoram e não o procuram saber, porque os tempos vão azados só para as indagações profanisimas e muito longe dos livros sagrados.

Eis um esboço do acontecimento:

Era no começo da estabilidade da Igreja, e quando occupava a cadeira infallivel o primeiro a quem o Divino Instituidor tinha revestido da Supremacia Pontifical e feito depositario das chaves celestes. Já então, como agora, as furias infernaes, que eram e são o erro e a mentira, faziam do Santo e Bemaventurado Apostolo o alvo de suas iras e da mais atroz perseguição, a ponto de, com o poder da força (poder sempre efemero e tão vacillante!) agrilhoarem e encerrarem n'uma masmorra o Santo Apostolo e Pontifice.

Os catholicos, alumados do santo fervor que produz a verdadeira fé, oraram pelo seu mestre infallivel, e não tarda que um anjo do Senhor baixe á prisão de Pedro, o desagrilhoar e restitua á liberdade.

Este prodigio traz outro mais tarde. As cadeias que manietavam o Santo Apostolo são com summa veneração arrecadadas, uma das quaes existia por tim em poder do imperador Theodosio que a deu á imperatriz Eudoxia.

Esta piedosa princesa apresenta a veneranda reliquia ao Summo Pontifice, que então o era na Santa Igreja, o qual já possuia a outra cadeia. Tocam-se por acaço as cadeias, e por tal fórma se uniram que jámais foi possivel separal-as, fundindo-se assim n'uma só.

E' este o prodigioso milagre que a Santa Igreja hoje commemora sob a invocação de S. Pedro *Ad vincula* ou *As cadeias de S. Pedro*.

Tirem-se d'estas indicações Divinas os corollarios necessarios, e são elles os que nos fazem convencer dos dois principios infalliveis para vencermos o erro e os inimigos implacaveis da Igreja, e portanto da humanidade:—a oração, por meio da qual os catholicos viram operar a libertação do Apostolo;—a união entre os catholicos para assim mais fortemente se combater o inimigo commum. Estes preceitos que aquelles acontecimentos miraculosos tão eloquentemente estão indicando, são exactamente aquelles que do alto da mesma infallivel cadeira está aconselhando com paternal sollicitude, o venerando e Santissimo Doutor, que por mercê e milagre visivel, preside hoje aos destinos da Christandade.

—O que venho de dizer parecerá deslocado n'uma correspondencia, mas antes que outro assumpto fartasse,—como minha—nunca é de mais seja por que fórma ou em que logar para abrir os olhos á ignorancia, o relembrar estes factos, que a piedade cuida de fazer esquecer, sobrepondo a elles os *Recreios Waitloyme*, e tambem mil publicações peçonhentas que, afastando a moral e a religião, bestialisam as massas para conseguir aquillo, que, ainda assim, não conseguirá.

—Tomou posse do municipio a vereação ultimamente eleita: aguardaremos os seus actos a ver se justificam os bons creditos e conceito que merecem, pelo menos, alguns dos cavalheiros que a compõem.

—A questão—cemiterios continúa ainda a ser discutida e mais acentuadamente entre o «Diario da Manhã» e «Jornal do Commercio». Desnecessario é dizer que este paladino de triste figura insiste nas

investidas contra os moinhos. Deus lhe lance no caco um migalho de luz, que o converta da seita macaqueira para o bom caminho de que anda tão cegamente extraviado. Nem lhe serviu de ensino e escaurimento a derrota que soffreu nas tentativas da reeleição: continda esbravejando como um possessor.

—Ha que registrar mais um homicidio revoltante e acompanhado de todas as horrorosas peripecias a que póde dar ensejo a perversão dos costumes modernos.

Apareceu estrangulada em sua propria cama, e roubada, uma miseravel mulher que morava no becco do Cascalho, e uma das centenares que enxameiam a cidade entregues á mais infima degradação, mas toleradas pelos poderes publicos! Parece que o movel do assassinio foi o roubo, duplo crime que está por enquanto impune, porque o argos policial, a despeito dos laudatorios encomios da imprensa a quem elles são pagos, ainda não descobriu o criminoso, como não pode tambem desobrir o auctor d'outro assassinio feito ha pouco em Belem, embora elle ande passeiando á vontade por aquelle sitio. Tudo isto denota que imos muito bem, e que mal anda quem não dá um estridente—*Viva a liberdade!*

M.

LITTERATURA

SALVE! RAINHA! (º)

Salve Rainha! Mãe
Da paz e da concordia!
Mãe de misericordia!
Fonte de todo o bem!

Rainha! nossa vida!
Doçura, esperanza nossa!
Da mais humilde choça,
Aos altos céos querida!

Salve Rainha eterna,
Do throno inabalavel!
Soberana sempre affavel!
Rainha sempre terna!

A vós, a vós bradamos
Cá d'estes descampados
Por onde os degradados
Os filhos de Eva andamos.

Por vós n'estes anceios
D'insuportavel dôr
Ah suspramos cheios
De saudade e amor!

Gemendo e sempre assim
Chorando o nosso mal
N'este profundo valle
De lagrimas sem fim!

Das nuvens eia pois
Oh Advogada nossa,
Rompa um clarão que possa
Mostrar-nos já quem sois.

Sim: esses vossos olhos
São misericordiosos,
Que tornam os abrolhos
Lirios deliciosos.

A nós voltei, Senhora
De céo e mar e terra!
Onde o que ha bom se encerra
Que todo o mundo adora.

E se um viver sem luz,
Expia tanto erro,
Depois d'este desterro
Mostrae-nos a Jesus!

Oh! Mãe sempre clemente!
Oh Mãe sempre piedosa!
Mãe sempre carinhosa!
Mãe sempre complacente!

Oh nossa doce Mãe!
Oh sempre virgem pura!
Excelsa creatura
Fonte de todo o bem!

Maria! a nossa voz
Ouvi-a lá nos céos!
Rogae, rogae por nós
Oh santa mãede Deus!

Para que auxiliados
D'essa divina graça
Nós, filhos da desgraça
E pobres desherdados,

Sejamos (ás avessas
Do mal que nos attrahe)

Ah dignos das promessas
De Christo—Deus e Pae!

Lisboa, 1877.

João de Deus.

(*) «Revista de Lisboa».

GAZETILHA

Cêros.—Saiu hontem de manhã, da capella de S. Sebastião das Carvalheiras, a procissão com a Imagem d'este inclyto martyr e a de S. Lourenço.

O prestito, aberto pela banda da «Philarmonica», era composto de onze confrarias, as irmandades de N. Senhora do O, e de N. Senhora d'Ajuda e S. Sebastião, e comunidade dos Orfãos de S. Caetano, precedida da cruz.

No centro iam dois andores, com as Imagens de S. Sebastião e de S. Lourenço, e anginhos conduzindo emblemas muito apropriados ao acto.

Debaixo do palio levava o Santo Lenho o revd.^o parcho da freguezia de S. Thiago.

No couce ia uma guarda d'honra precedida da banda.

Romagem.—Na proxima quarta-feira tem logar a romagem de N. Senhora da Abbadia, na freguezia de Santa Martha de Bouro.

Já grande numero deromeiros se dirige áquelle local.

SS. Rosto do Senhor.—A'manhã festeja-se o SS. Rosto do Senhor, que se venera no largo de S. Paulo.

Hoje á noite ha alli fogo d'artificio, iluminação e bazar de prendas, o qual conclue amanhã de tarde.

Consortio.—No dia 6, casou, na capella do Bom Jesus do Monte, o snr. Antonio Augusto Ferreira da Silva, filho do snr. Manoel José Ferreira da Silva, capitalista da freguezia de S. Jeronymo, com a snr.^a D. Maria Rita da Silva Leite, natural da cidade do Pará.

Ilustre visitante.—Esteve ha dias nesta cidade o snr. dr. Bernardino Machado, filho do snr. barão de Joanne, e cavalheiro de toda a respeitabilidade.

Outro.—Esteve ante-hontem n'esta cidade, e partiu hontem para Barcellos, o snr. Antonio Francisco Barata, escriptor notabilissimo, ora residente em Evora.

Collegio dos orfãos de S. Caetano.—Vão brevemente começar as obras da edificação do novo collegio para os orfãos, no campo de S. Sebastião.

Foi convidado um distincto architecto da cidade do Porto a vir, para este fim, conferenciar com a commissão administradora d'aquelle collegio.

Operação.—O snr. dr. Alfredo Passos, ajudado pelo snr. dr. Antonio Cazi-miro da Cruz Teixeira, fez hontem, na Casa de Saude de que é director, e pelo processo de *Maisonneuve* a operação da urethrotomia, sendo a operação coroada dos melhores resultados, habilmente dirigida e concluida em curto espaço de tempo. O operado soffria d'um duplo aperto, sendo um d'elles bastante grande e situado na região prostatica, o que tornando a operação mais difficil, uma vez mais fez patentear a pericia do operador, que foi felicissimo no seu resultado.

Melhoras.—O filhinho do snr. engenheiro Cruz que noticiamos estar em perigo de vida, em resultado d'uma queda, tem experimentado grandes melhoras, havendo todas as probabilidades de recuperar a saude.

Festividades.—Na quarta-feira festeja-se N. Senhora do Amparo, cuja devota Imagem se venera no templo da Lapa.

—Na quinta-feira tem logar a festa de S. Roque na capella de Santo Antonio, da Praça Municipal.

Recrutis.—Foi transferida para o dia 28 do corrente a inspecção de recrutis que devia ter logar na proxima terça-feira.

Partida.—O snr. conego dr. Alves Matheus partiu ante-hontem para a sua casa em Combadão.

Governo civil.—Durante a ausencia do snr. marquez de Vallada está exercendo o logar de governador civil na qualidade de conselheiro de districto mais velho, o snr. dr. Felix Maria Gomes d'Araujo Alvares.

Aos creadores—Leite artificial para crias.—Sete quartilhos d'agua e tres e meio de leite são fervidos com dez onças de farinha triga até a consistencia d'uma papa; ajunta-se-lhe mais 3 1/2 quar-

tilhos de leite com 1 1/4 onças de solução de potassa, consistindo em duas partes de bicarbonato de potassa dissolvida em 11 partes d'agua. A esta papa quente junta-se mais 10 onças de malt (cevada germinada para cerveja) trçada, a qual se mistura bem, e depois se deixa em repouso por meia hora perto do fogão ou de qualquer outro sitio quente; depois torna-se a ferver e se filtra por uma peneira.

As crias são sustentadas cêrca de seis semanas com leite puro, o qual depois se vae substituindo gradualmente pelo artificial, até cêrca de 14 quartilhos por dia e nenhum leite puro.

Passados tres mezes só se dará amedade d'esta quantidade adicionada com bollo de linhaça (que vem da Italia) e mais tarde mistura-se batatas cozidas.

As crias, com esta comida, ganham dois arrateis por dia em pezo e mais; se porém a cria se desgostar do leite puro, dá-se lhe immediatamente este substituto sem receio que lhe cause mal algum.

Tambem se pôde applicar este leite artificial aos leitões como remedio curativo da diarrhéa que frequentemente os ataca. —(Jornal de Horticultura Pratica).

Com vista ao «Diario da Manhã». — Transcrevemos do «Correio da Tarde» o seguinte:

O «Diario da Manhã» do snr Pinheiro Chagas (n.º de 3 de agosto) leva muito a mal que certo jornal francez dissesse que o padre Jacinto, (o celebre Loyson) teve um proceder immoral apostatando para se casar; e afirma que o exfrade fez isso para viver como um «homem de bem».

Não é preciso pôr mais nas cartas.

Os Revd.ºs Padres do partido de que é orgão o «Diario da Manhã» se por desgraça existem, que lhe agradeçam, e que vão preparando votos para a reeleição d'este seu amigo.

—No mesmo jornal lemos o seguinte:

«No domingo obteve completo triunfo (nas Caldas da Rainha) a recita dada, Lazaristas, pela companhia dramática portugueza, sob a protecção de el-rei D. Fernando».

Eis aqui um rei como se quer, em liberalaria!

O Santo Padre disse ha pouco que havia reis, os quaes senão querem mostrar seus amigos com medo de serem chamados «clericos». O «Diario» conclue a noticia — «peça por tantos titulos digna da concorrência publica, apesar do anathema clerical».

Antes que escrever taes necedades o snr. Pinheiro Chagas faria melhor em acudir por sua honra e por seus titulos de historiador instruido, imparcial. Já leu o artigo do snr. Sousa Monteiro que ha pouco lhe foi dirigido por via do «Commercio do Minho» (n.º de 28 de julho de 1877)? Merece ser lido e meditado, snr. Pinheiro.

Não é coisa para admirar.—Ouvimos, diz um collega, que em uma das freguezias ruraes do concelho de Cintra foi vendida, para Inglaterra, uma custodia de prata de grande merecimento artistico, do valor de mais de um conto de réis, sendo a venda feita sem auctorisação superior. Não admira.

Guerra do Oriente. — Os ultimos telegrammas relativos á guerra do Oriente, são os que seguem:

Londres 7—Bourk disse na camara dos deputados que o governo inglez considera não effectivo o bloqueio decretado pelo exercito turco.

Bucharest 7—A infantaria sob o commando do general Gurko evacuou os Balkans. Estão chegando diariamente no caminho de ferro, vindos da Russia 8:000 homens de novas tropas.

Pariz 7—Um despacho de Constantinopla desmente que Midhat-Pachá esteja encarregado de qualquer missão. O ministro dos negocios estrangeiros de Hespanha, Silvela, foi recebido hoje pelo duque Decezes, estando presente o embaixador hespanhol Molins.

Vienna 8—Os imperadores da Austria e Allemanha encontrar-se-hão hoje em Ische. Desmentem-se os boatos pacificos. Foi derrotado um chefe dos insurgentes bosniacos, o qual entrou na Austria. Suleyman-Pachá transpoz os Balkans em marcha sobre Tirnova. Os russos concentram-se em Arlow. As forças de Eyoub-Pachá que estão em Rasgrad elevam-se a 40:000 homens.

Londres 8—Na camara dos commons, Kenclay perguntou se o governo se podia informar sobre o tractado secreto entre a Russia, a Austria e Allemanha, concernente á partilha da Turquia. Northote respondeu que nenhuma informação sobre este assumpto podia ser communicada á camara.

Kenclay declarou que renovará a má-nhã a questão.

Bourk, respondendo a Riland disse que o representante de Inglaterra em Madrid recebeu instrucções para protestar contra a exclusão da Inglaterra do beneficio da clausula relativa á nação mais favorecida das novas tarifas.

Berlim 8—A Austria não impedirá a intervenção da Servia na guerra russa-turca, mas tomará varias precauções pelo lado da Bosnia.

Reina grande inquietação no Epiro e Thessalias. Tudo indica o estado da proxima intervenção na guerra da Grecia e Servia.

Crusada contra a franc-maçonomia.—Com este titulo lê-se na «Petite Republique française», folha maçónica:

«Não é sómente em Paris e em Perigueux que se fecham as lojas maçónicas. É uma palavra d'ordem, uma senha que se executa por toda a parte.

Em Brives, foi dissolvida a loja a *Fraternidade*.

Em Condom, a loja a *Augusta Amisade*. É uma crusada, um S. Bartholomeu.

Poderia dizer-se que a auctoridade toma por tarefa realisar os anathemas do *Syllabus* contra a franc-maçonomia.»

O que é necessario provar, segundo estas reclamações da *Pequena Republica*, é que a experiencia diaria confirma todos os ensinamentos do *Syllabus* visto que um governo cujos membros não tomaram certamente o *Syllabus* por programma, trate naturalmente de dissolver os clubs franc-maçónicos com um verdadeiro perigo para a sociedade.

Crime horrivel.—A «Liberdade», jornal de Buenos-Ayres, refere um crime notavel commettido na igreja de S. Francisco d'aquella cidade.

Frei Antonio, monge de mais de 70 annos, estava dizendo missa no altar de S. José, quando um sujeito penetrou na igreja e aproximando-se do altar no momento em que o sacerdote commungava, tirou de um revolver e disparou-lho á queima-roupa.

A denotação assustou os assistentes e o monge caiu redondamente para traz. A bala atravessara-lhe o pescoço e foi em seguida cravar-se no altar.

O padre foi levado em perigo de vida para o convento.

O assassino declarou ser russo, chamar-se Guilherme Kolazo e attribuir aos monges as suas maiores desgraças.

Disse mais que não conhecia frei Antonio, mas que não hesitara em mata-lo, porque era o primeiro sacerdote que encontrava.

—Odeio todos os padres, vociferou elle, e por conseguinte era-me indifferente acabar com este ou com aquelle!

Que monstro!

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Snr. redactor do «Commercio do Minho».

Pedia a v. o particular obsequio de publicar no seu jornal a seguinte carta, que hoje mesmo dirigi ao proprietario do «Jornal do Minho» pedindo justiça. Com a publicação muito obsequiará ao que é

De v. etc.

Braga 8 d'agosto de 1877.

Domingos Moreira Guimarães.

Exm.º snr. João Antonio da Silva Pereira, director-proprietario do «Jornal do Minho».

Sob a epigrapha—Actos de justiça—publicou o seu jornal de 20 de julho uma local, em que diz: «O snr. governador civil d'este districto dissolveu a meza da confraria do Bom Jesus do Monte, que ha 8 annos não dava contas da sua administração, nomeando uma comissão administrativa, composta de muitos cavalheiros e muitos d'elles homens de sciencia e de longa instrucção.

Da meza dissolvida era presidente o secretario geral, o snr. Marques Murta, que tambem é provedor da Misericordia, e em ambas as corporações ha muitos annos reeleito.

A opinião geral recebeu com applauso esta medida, que considera um acto de justiça e louva o snr. marquez de Vallada. Aguarda contudo se s. ex.ª seguirá nas justas consequências que estes factos contem.» (Segue-se a transcripção do

alvará da dissolução, com os seus considerandos).

Já vê, v. ex.ª que n'esta local ha accusação e fortissima, mas ainda, pelo dizer, incompleta; quer a consideremos nas palavras do localista, quer nas do alvará que transcreve. E' necessario pois completal-a, e não dar treguas aos administradores pessimos, etc. etc., para que o publico os fique conhecendo d'uma vez para sempre, e expulse do templo os vendilhões que n'elle se acoutam.

E v. ex.ª, como membro da nova direcção, já deve ter formado o seu juizo a tal respeito pela analyse dos factos, e documentos existentes hoje em poder de ss. ex.ªs, e porisso pôde melhor que ninguem, desafrontando a moralidade, vingar a justiça.

Pois, exm.º snr., é em nome da moralidade, que todo o homem deve propugnar, da justiça, que deve defender, da prosperidade da sua terra, que deve promover, dos interesses religiosos, que deve zelar, que osoo pedir-lhe, que fazendo justiça a todos, que publique—em que consistiu a pessima gerencia da meza da real confraria do B. J. do Monte, onde se verificou a sua completa ausencia de zelo e interesse pela prosperidade d'aquelle sanctuario, bem como qual a justiça do exm.º governador civil exonerando por um alvará infamante a referida meza, e qual o motivo d'ê louvor para o snr. marquez de Vallada por um tal feito.

Se este meu pedido não merecer resposta, apesar de sua justiça, collocar-me-ha na collisão, aliás desagradavel, de procurar por outros meios a justificação minha e de meus collegas.

Braga 8 d'agosto de 1877.

O cartorario da meza dissolvida, e que servira de presidente no impedimento do snr. conselheiro Marques Murta,

Domingos Moreira Guimarães.

Snr. redactor.

Rogo a v. o favor de publicar no primeiro n.º do seu jornal as seguintes linhas, pelo que desde já me confesso sumamente agradecido o

De v. etc.

Francisco José d'Araujo Guimarães.

Constando-me que um cavalheiro, que pertence á Companhia de Bombeiros Voluntarios de Braga, tem affirmado que eu convocára reuniões com o fim de conseguir que os 1.ºs patrões da Companhia de Bombeiros Municipaes pedissem a exoneração dos seus respectivos cargos, o que é completamente falso, venho por este meio protestar contra semelhante asserção, porquanto eu não só não concorri de modo algum para que ss. s.ªs pedissem a sua demissão, mas pelo contrario empreguei todos os esforços para os dissuadir d'aquelle intento, pedindo-lhes com as mais vivas instancias que desistissem da ideia em que estavam, porque era para mim um desgosto; e de certo o era para a exm.ª camara, pela qual eu tenho a maior consideração.

Igual pedido fiz ao digno commandante da companhia, não só directamente, mas até empenhando-me com outras pessoas para lhe fallarem no mesmo sentido.

Para prova do que digo invoco o testimonho insuspeito dos 1.ºs patrões e do digno commandante da Companhia de Bombeiros Municipaes, ficando d'este modo completamente destruida a asserção em contrario.

Braga 9 d'agosto de 1877.

Francisco José d'Araujo Guimarães.

Ex-segundo commandante da Companhia de Bombeiros Municipaes de Braga. (430)

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Resumo do activo e passivo d'este Banco em 31 de Julho de 1877.

Activo

Caixa	28:293\$349
Letras descontadas, tomadas e a receber	17:693\$612
Emprestimos sob penhores	103:527\$180

Creditos caucionados em c/c Operações a longo prazo, com hypotheca	63:429\$121
Agencias no Reino e Ilhas	17:827\$425
Agencias no estrangeiro	40:849\$972
Devedores diversos	7:355\$660
Acções de conta propria	12:119\$992
Valores fluctuantes	200:000\$000
Effeitos depositados	84:408\$315
Despezas d'instalação	25:700\$000
Moveis e utensilios	4:400\$000
Gastos geraes e commissões	1:554\$140
Liquidações	4:200\$352
	1:196\$930
	771:773\$048

Passivo

Capital	600:000\$000
Fundo de reserva	2:509\$127
Depositos a prazo	97:442\$007
» á ordem	19:539\$020
Letras em deposito	4:159\$727
Letras por pagar	350\$000
Credores d'effeitos depositados	25:700\$000
Credores diversos	1:728\$218
Agencias no reino	7:312\$141
Dividendos por pagar	4:426\$250
Lucros e perdas	8:606\$558
	771:773\$048

Braga 31 de Julho de 1877.

Os Directores,

José Joaquim Lopes Cardozo.
José Antonio Rebello da Silva.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial, Agricola e Industrial de Villa Real, em 31 de julho de 1877.

Activo

Caixa, dinheiro existente	16:598\$287
Letras descontadas e a receber	658:354\$736
Letras caucionadas	38:942\$000
Obrigações a receber	6:984\$783
Emprestimos sobre penhores	3:145\$500
Operações a longo prazo	13:913\$220
Papeis de credito	14:829\$120
Contas correntes com garantia	9:275\$760
Agentes no paiz, dinheiro e letras a cobrar	73:618\$842
Agentes no estrangeiro	13:010\$520
Diversos devedores	7:503\$594
Moveis e utensilios	586\$860
Despezas de installação	2:000\$000
Acções, prestações a receber	100\$000
	853:863\$222

Passivo

Capital do Banco	800:000\$000
Deposito á ordem	1:854\$618
Deposito a prazo	23:562\$100
Dividendos a pagar	4:511\$650
Fundo de reserva	7:020\$000
Reserva para contribuição industrial	5:400\$000
Ganhos e perdas	11:514\$864
	853:863\$222

Villa Real, 3 de agosto de 1877.

Os gerentes,

Francisco Ferreira da Costa Agarez.
João Pinto Ferreira.

BANCO DA COVILHA.

Balanço em 31 de Julho de 1877.

Activo

Accionistas	400\$000
Letras descontadas e a receber	361:355\$289
Effeitos depositados	12:000\$000
Agencias no paiz	28:969\$701
Ditas no estrangeiro	10:188\$873
Emprestimos s. penhores	161:897\$685
Ditos em c. c. com caução	275:615\$857
Devedores geraes	12:679\$002
Papeis de credito	8:967\$800
Mobilia e utensilios	1:937\$159
Despezas d'instalação	2:658\$815
Caixa	27:692\$565
	904:362\$746

Passivo

Capital	750:000\$000
Fundo de reserva	4:777\$263
Fundo para o edificio do Banco	500\$000
Depositos á ordem	9:002\$708
Ditos a praso	92:832\$725
Devidendos a pagar	24:155\$000
Credores d'effeitos depositados	12:000\$000
Devedores e credores	3:103\$037
Letras a pagar	500\$000
Contas interinas	599\$794
Ganhos e perdas	6:892\$217
	904:362\$746

Covilhã 31 de Julho de 1877

Os Directores

Visconde de Morão.
J. d'A. Vaz de Carvalho.

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa fariolha de saúde,

REVALESCIÈRE

DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

6 Combatendo as indigestões (dispepsia) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarréa, disenteria, colicás, tosse, asthma, hexigas, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetes, debilidade, todas as deordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da hexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 85:00 curas, comprehendendo n'ellas as da duqueza de Castlestuart, do duque de Pluskow, da marquiza de Brehan, de Lord Stuart, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, etc., etc.

Cura n.º 65:811.—Mr. A. Brunelière, cura, de uma dispepsia de oito annos, e depois dos medicos lhe darem só poucos mezes de vida.

Cura n.º 62:476.—Sainte-Romaine-des-Iles (Saône-et-Loire. — Senhor. — Bemdito seja Deus! A Revalescière du Barry poz fim aos meus 18 annos de soffrimentos do estomago e dos nervos, de fraquezas e de suores nocturnos.—J. COMPARET, cura.

Certificado n.º 69:719.—HYDROPSIA, RETENÇÃO.—Tres d'estes casos foram radicalmente curados. Para as tosses adquiridas por um resfriamento, produz a suspensão repentinamente; para as retenções de urina e doenas de estomago, produz o melhor effeito e dissipa a melancolia.—LANGEVIN, cura.

Cura n.º 48:816.—Certificado do celebre doutor Redolpho Wurzer, Bonn, 19 de janeiro de 1855.—A Revalescière substituiu admiravelmente toda a medicina em muitas doenas, sobretudo nas diabetes, constipações obstinadas e habituaes, assim como nas diarréas nas affecções dos rins e da hexiga, nas contracções e nas hemorrhoidas, assim como nas doenas pulmonares e dos bronchios, nas tosses e na tísica.—Doutor RUD. WURZER, Membro de varias sociedades scientificas.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400; e de 12 kilos, 12\$000 rs.

Os biscoitos da Revalescière que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a Revalescière chocolatada; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY & C.ª LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris. 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 4, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem diri-

gir os seus pedidos ao Deposito Central, snr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo) Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32, Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barcellos, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Vianna do Castello, Afonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Bainha, 29 e 33.—Penañel, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desiré Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & G.ª, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Ponte do Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Povoa do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados agradecem com respeito e reconhecimento a todos os cavalheiros que se dignaram assistir ao enterro de seu innocente filhinho, bem como a todas as exm.ªs snr.ªs e snrs. que os distinguiram com suas obsequiosas atenções e cumprimentos, protestando a todos a sua eterna gratidão por tão distinto favor.

Braga 9 d'agosto de 1877.

João José Alves d'Araujo
Anna Joaquina da Silva Gomes d'Araujo.
(429)

Os abaixo assignados agradecem a todos os illm.ªs e exm.ªs snrs. e snr.ªs que os visitaram por occasião do fallecimento de seu muito presado e querido marido, filho, sobrinho, genro e cunhado, Pedro Victor Arantes d'Azevedo, e bem assim aos illm.ªs e exm.ªs snrs. que lhes fizeram a honra e obsequio d'assistirem ao officio de corpo presente que se fez na igreja dos Congregados, no dia 16 do corrente mez de julho, e aos que igualmente assistiram ao responso de sepultura no Cemiterio e no mesmo dia; e em particular ao exm.º snr. Commendados, Luiz Antonio da Costa Braga, que se dignou fechar o caixão do fallecido.

Não lhes sendo possivel agradecer pessoalmente tão distincto obsequio, o fazem por este meio, e a todos protestam profundissima e eterna gratidão.

Braga 21 de julho de 1877.

Maria José Moreira d'Azevedo
Josefa Maria Arantes d'Azevedo
José Joaquim de Sousa Azevedo
Engracia Luisa Arantes
Maria da Graça Arantes Braga
Rosa Candida Arantes de Mello
José da Rocha Veiga
Miguel Gomes da Cunha Braga
José Maria Gomes Bello.
(392)

ANNUNCIOS

VINHO VERDE

Quem pretender comprar cascos, meias pipas, ou quartos de pipa, de vinho verde, póde dirigir-se a José Antonio Fernandes, proprietario do Hotel da Vista Alegre, no campo das Carvalheiras. (432)

RUA DOS BISCAINHOS N.º 3

Arrenda-se o segundo e terceiro andar da casa n.º supradita, rua e n.º, que se acha construida de novo. Para tratar-se na rua do Campo, n.º 16. (431)

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Os poucos snrs. accionistas que estão em debito da 12.ª e 13.ª entradas de suas acções, são convidados pela ultima vez a realisar as com o juro de 6 0/0, até o dia 20 do corrente mez; ficando scientes aquelles que o não fizerem que lhes será applicado o art.º 17 dos Estatutos.

Braga 9 de agosto de 1877.

Os Directores

Francisco da Silva Araujo
Francisco Baptista da Silva.
(422)

BAFAZ PARA NEGOCIO

Precisa-se de um com 3 annos de pratica em negocio de ferragens, e que não tenha menos de 14 a 15 annos.

Carta ao escriptorio d'este jornal com as inecias R. F. S. (433)



Teixeira & Mesquita da rua da Sé, fazem publico, que abriram as suas carreiras para a Povoá do Varzim no dia 8 do corrente a sair de Braga ás 5 horas da manhã, e tem mais outro carro a sair ás 10 horas da noite a principiar no dia 15, e volta da Povoá do Varzim ás 4 horas da manhã e duas da tarde. Tem uma hora de demora em Barcellos tanto na ida como na volta.

Preços—dentro, 600 rs., fóra, 500.

Os bilhetes vendem-se em Braga, no bem conhecido Ribeiro Braga, e na Povoá do Varzim, no Rego, no mesmo escriptorio dos mais annos. (423)



Mala-posta do correio, entre Famalicão, Povoá e Villa do Conde.

Manuel Joaquim de Oliveira & Primo, de Villa Nova de Famalicão, fazem publico que continuam com a sua carreira entre Famalicão, Povoá e Villa do Conde.

Sae de Famalicão depois da chegada do comboio, que sae d'esta cidade á 1,37, e chega á Povoá do Varzim ás 5 e meia horas da tarde.

Preços: De Villa Nova á Povoá, dentro 400 rs.; fóra, 300 rs.

Os bilhetes em Braga, vendem-se em casa de Domingos Alves Pereira, Praça do Barão de S. Martinho, n.º 1. (428)



DE BRAGA Á POVOA DO VARZIM

Companhia Carris de Ferro de Braga

Faz publico que a principiar no dia 12 do corrente agosto tem carreiras entre Braga e Povoá, por Famalicão, a saber:

De Braga:—Nos comboios que partem ás 6 horas da manhã e 1,37 da tarde.

Da Povoá:—A's 6 horas da manhã e 3 da tarde.

Venda de bilhetes:

Em Braga, na Estação Central, e na Povoá, no Largo do Rego, n.º 22, junto ao theatro Sá da Bandeira, em casa do snr. Henrique d'Oliveira Mandim. O serviço entre Famalicão e Povoá e feito em magnificas diligencias tiradas a cinco animaes.

Preços:—Por cada logar dentro do carro, 700 reis; fóra, 560.

ATTENÇÃO.—Os logares de dentro dão direito a bilhetes de 2.ª classe no caminho de ferro até Famalicão, e os de fóra a de 3.ª classe.

Bagagens.—Para cada passageiro 15 kilos gratis. Por cada kilo a mais, 20 reis. (426)

Companhia Carris de Ferro de Braga

São convidados os snrs. accionistas d'esta companhia para se reunirem em assembleia geral, extraordinaria, no dia 16 do corrente pelas 11 horas da manhã na casa n.º 7 do Campo de Santa Anna, afim de resolverem negocios de maxima importancia e summo interesse.

Conforme foi indicado na carta convocatoria.

Braga 1 d'agosto de 1877.

O Presidente,

(425) Antonio Lopes de Figueiredo.

VENDA DE QUINTA PROXIMO A BRAGA

Vende-se uma bonita propriedade situada na freguezia de Cabreiros, estrada de Barcellos, a 7 kilometros de Braga, que se compõe de terras lavradas juntas e circuitadas de meios muros, de leiras, de pinhal, algum matto, casas de caseiro sobradadas com abegoaria, adega e um grande pateo. Tem alguma agua, e com pequena despeza póde ter muita.

Quem a pretender comprar póde dirigir-se pessoalmente ou por carta ao escriptorio do ex.º dr. Nicolau Barata, na Praça Municipal em Braga, onde se lhe darão todos os esclarecimentos. O seu preço é de quatro contos para cima. (424)

MALA REAL INGLEZA
 S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres
 Aceitando tambem passageiros de 3.ª classe pelo mesmo preço que para o Rio de Janeiro para SANTOS, PARANAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros portos do littoral e interior do Brazil, ao sul de Pernambuco, com trasbordo no Rio de Janeiro e incluindo hospedaria e sustento gratuito durante a demora precisa para obter trasbordo.
 Este paquete da Companhia Mala Real Ingleza sahirá de Lisboa em 28 de Agosto.
 Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23 — o agente Guilherme C. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas.
 Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

PAVÕES

Na rua de S. Gonçalo, n.º 6, vende-se um casal de pavões.
Quem os pretender dirija-se alli. (414)

ALVIÇARAS

Desencaminharam-se duas inscripções d'assentamento da Junta do Credito Publico n.ºs 67976 e 67977 do valor nominal cada uma de 100\$000 reis, pertencentes a Maria Emilia Gonçalves Braga. Quem as achasse e as queira restituir, o póde fazer ao dr. Francisco Xavier de Souza Torres e Almeida, morador no campo de D. Luiz I, d'esta cidade, o qual se acha auctorisado para as receber e gratificar. (416)

ATTENÇÃO.

Vende-se uma balança da força de 500 kilos. Quem a pretender falle na rua dos Capellistas n.º 9. (419)

Atenção

Narcisa Candida Mendes, da rua de S. Geraldo n.º 23, ensina a bordar a branco, matiz, ouro, e a fazer fiores. (399)